

SEG Joaquim Ferreira dos Santos _TER_ Arnaldo Bloch _QUA_ Ana Paula Lisboa (quinzenal) _MARIA_ Maria Ribeiro (quinzenal) _QUI_ Cora Rónai _SEX_ Leo Aversa _SÁB_ José Eduardo Agualusa _GEOVANI_ Geovani Martins (quinzenal) _DOM_ Artur Xexé

ARNALDO BLOCH



arnaldobloch@gmail.com.br



Papo com Gerald Thomas em Manhattan

Fazia tempo tentava tomar um café com Gerald Thomas. Tanto tempo que começava a temer que um de nós morresse antes. Desde o momento decisivamente histórico em que as pessoas passaram a trocar o cara-cara pelo *face-to-book*, tal medo, em rela-

ção aos afetos, torna-se comum e justificável. Um belo dia, topamos com o perfil do amigo morto numa rede social.

O encontro aconteceu, enfim, semana passada, no loft da atriz americana Lisa Gobbli, uma das estrelas flutuantes de “Dilúvio”, encenada em São Paulo ano passado. Os dois ensaiavam uma peça que estrearia dali a cinco dias, num festival em Copenhague. Não havia tempo para papo. Só para assistir ao ensaio, tão aberto quanto privado.

A leitura se iniciava com um discurso estatístico acerca da existência. Qual a chance de um ser — para além da contingência pré-uterina de vencer 300 milhões de células reprodutoras na corrida para fecundar o útero — vir à luz e sobreviver, após milênios de guerras, fomes, pestes, desastres naturais?

E se, além de tantas barreiras, esse ser, como o próprio Gerald, for um judeu nascido em 1954 em Nova York, menos de uma década depois de o nazismo (na sequência da inquisição e dos pogroms) ter exterminado 70% do povo hebreu que habitava o mundo?

O texto seguinte era uma paródia shakes-

peariana, voz impostada, luzes contemporâneas extremamente ácidas. Desaguava numa superposição de “Vem, doce morte”, de Bach, em três versões: piano, voz e cordas, mixadas por Lisa, base para uma comumente coreografia da atriz, ex-Momix, a grossa cabeleira lançada para frente, como máscara mortuária.

Na véspera da partida de Gerald e Lisa para Copenhague, fui bem cedo à casa dele, num conjunto habitacional cravado no East River, dando para campos de futebol de uma escola da Unesco. Há seis anos, o furacão arrastou todos os carros da garagem, inclusive o de Gerald.

O convite era para um “breakfast”, mas, como ele me informou que não come ao acordar, pedi licença para fritar meus próprios ovos em manteiga e sal de Manhattan. Tomamos, enfim, nosso raro café. Gerald tocou baixo sobre um track

roqueiro que precisava postar no Instagram, e mostrou seu estúdio de desenhos, registrados num belo livro.

Falando em livro, descolei a versão original, em inglês, da sua eletrizante autobiografia, “Entre duas fileiras” (Record). Aqui, se chama “Between two lines — a memoir”. Gerald se disse tomado pela sensação de que nada mais há, de importante, para se criar no mundo em que vivemos. Eu discordei, sem, contudo, apresentar um bom argumento.

A cinco dias de voltar ao Rio, passei o domingo devorando “Buried child” (“A criança enterrada”), de Sam Shepard, a peça que lhe deu o Pulitzer e estreou há quase exatíssimos 40 anos (outubro, 1978) em Nova York. A assombrosa ironia beckettiana em Shepard me fez pensar no grande teatro que Gerald nos legou.

A criança sepultada, renascida, na peça americana, remeteu à metáfora do menino cego (a alma presa ao corpo preso às trevas) que abre o livro de Gerald. Corri para escrever que, pensando bem, tendo a concordar: a não ser que o mundo renasça, não há muito mais a ser criado.